

Fonte Revista Veja Class.: 44
 Data 31/01/90 Pg.: 66

ECOLOGIA

Quebra-cabeça vegetal

Os cientistas tentam elaborar um mapa de preservação da Amazônia, mas acabam produzindo um trabalho confuso

Durante dez dias, 105 cientistas de todo o mundo, reunidos em Manaus, debruçaram-se sobre a Floresta Amazônica e seus 2 milhões de espécies vivas, entre animais e vegetais, para transferi-la ao papel na forma de um mapa. Nessa carta, divulgada na semana passada, os pesquisadores propõem a divisão da Amazônia em três grandes regiões — cada uma delas com um grau diferente de licença para exploração (veja quadro nesta página). A primeira área, considerada de prioridade máxima, é preenchida pelos chamados “santuários ecológicos”, intocáveis. A segunda área, de prioridade relativa, abrange terras em que será admitida a exploração mineral, madeireira e pesqueira, desde que não agrida o ecossistema. O

terceiro pedaço de selva limitado pelos cientistas resultou numa trapalhada monumental por um motivo prosaico — justamente a falta de conhecimento científico. Essa porção da Amazônia — cerca de 30% de sua área total — ficou para ser definida no futuro. Até lá, acreditam os cientistas, será possível conhecer melhor a riqueza de seu solo e a diversidade de sua fauna e de sua flora.

“Esse mapa é um registro básico que revela a biodiversidade botânica e faunística da Amazônia, mas não pode servir de subsídio para uma política de preservação”, diz o geógrafo Aziz Ab’Saber, da Universidade de São Paulo, uma das maiores autoridades científicas do país. “As áreas não classificadas, em branco,

são presumivelmente liberáveis para usos múltiplos — e eles acabam sendo predatórios.” Aziz tem razão. Ao definir algumas áreas como prioritárias e deixar outras de lado, os cientistas oferecem um aval aos projetos de exploração agressivos à natureza. Não há dúvidas de que a iniciativa de confecção do mapa é louvável — mas seu resultado é confuso. Um grande trecho da selva entre o Rio Purus e o Juruá, por exemplo, foi ignorado — e não entrou no capítulo das prioridades. O problema é que essa região abraça o pedaço de maior floresta contínua da Amazônia, riquíssima em espécies botânicas e que engloba cerca de 80 000 quilômetros quadrados, área um pouco menor que o Estado de Santa Catarina.

FOGUEIRA — Os críticos do mapa apresentado no evento de Manaus, na semana passada, apontam ainda um erro grave de metodologia na sua elaboração. Ao deixar espaços sem classificação, os pesquisadores não levaram em conta a importância de grandes extensões de terra para a definição de um ecossistema, por menor que seja. Para que exista uma diversidade biológica numa área restrita, é preciso que uma região muito maior seja mantida intacta. Ou seja: a sobrevivência de qualquer um dos trechos definidos como “santuários” depende do cuidado com o que há ao redor. Determinar apenas alguns pontos intocáveis, como foi feito, pode significar o fim de muitas vidas animais e vegetais — o perigo para a primeira região do mundo em anfíbios, plantas e borboletas. A terceira em pássaros e mamíferos e a quarta em répteis. Outra falha dos pesquisadores foi ter negligenciado as áreas já devastadas da floresta, o equivalente a cerca de 12% de sua área total. Assim, é possível que trechos já destruídos tenham sido catalogados como intocáveis.

Os cientistas que participaram da confecção do mapa sabem que dificilmente ele sairá do papel para ser transformado em lei, mas ainda assim apostam em sua utilidade. “O mapa é apenas uma indicação das áreas de vital importância biológica para a região”, diz o ecologista americano Thomas Lovejoy, do Smithsonian Institution, um dos maiores especialistas mundiais em Amazônia. As brechas deixadas pelo trabalho, contudo, acabam por comprometê-lo, transformando-o num quebra-cabeça florestal com peças sem encaixe algum. A sorte é que esse pedaço de papel pode ir para a fogueira com uma velocidade incrivelmente maior do que a própria Amazônia, que ainda resiste às agressões do homem.

A Amazônia dividida

O mapeamento da floresta feito por 105 pesquisadores de todo o mundo define cerca de 70% de áreas a serem preservadas — e o restante de 30% ainda desconhecido pela ciência



ÁREAS DE PRIORIDADE MÁXIMA - Os cientistas denominaram estas regiões de “santuários ecológicos” e as classificaram como intocáveis. Nestes pedaços da Amazônia, calcula-se que existam 2 milhões de espécies de seres vivos. Apenas o turismo e a visita dos pesquisadores são admissíveis

ÁREAS DE PRIORIDADE RELATIVA - Nestas terras, será permitida a exploração mineral, madeireira e pesqueira desde que não agrida o ecossistema. A pecuária também será tolerada. Os grupos nativos que vivem da extração do látex e da colheita da castanha terão licença para praticar suas atividades

ÁREAS NÃO ESTUDADAS - Nesta porção da Amazônia — cerca de 30% de seu total —, os cientistas caíram num buraco negro e não conseguiram classificá-la ainda. São regiões precariamente pesquisadas, das quais se conhece pouco da riqueza do solo e da diversidade de sua vida animal e vegetal